TL42 90

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

Deputado
RENATO SIMÕES

Requerimento n.º 3.727, de 1997

Requeremos, nos termos regimentais, a inserção na Ata de nossos trabalhos de um voto de congratulações aos estudantes, professores e funcionários da Universidade de São Paulo pela criação do Grupo USP por Timor Livre.

Requeremos, outrossim, que da manifestação desta Casa de Leis seja dada ciência ao Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, à Av. Prof. Lineu Prestes, 338 - Cidade Universitária, CEP 05340-901.

Justificativa

Em que pese a brava resistência do povo timorense, que desde 1975 luta pela independência e autodeterminação de seu país, a intensificação da repressão pelo governo indonésio é uma realidade. Por outro lado, a luta pelo respeito aos direitos daquele povo vem ganhando a cada dia maior apoio da comunidade internacional.

Toda iniciativa de organizar setores da sociedade civil, no Brasil e no mundo, que objetive somar forças com a resistência timorense é bem vinda. É nesse sentido que pretendemos congratularmo-nos com os estudantes, funcionários e professores da USP pela criação do Grupo USP por Timor Livre, anexando, inclusive, seu Manifesto ao presente requerimento.

Sala das Sessões, em 10-10-97.

a) *Renato Simões*

LIBERDADE PARA TIMOR-LESTE

Timor é uma ilha situada no sudeste do arquipélago indonésio e ao norte da Austrália. Diferentemente das demais ilhas desse arquipélago, teve sua parte oriental colonizada pelos portugueses, e assim permaneceu até 1975. No contexto do desmantelamento do império colonial português foi aberto o caminho para a autodeterminação.

O processo de independência foi conduzido pela Fretilin (Frente Revolucionária Timor Leste Independente), um grupo político que instaurou um governo de ampla legitimação popular, confirmada por eleições livres, mas contestado por minorias armadas, o que provocou conflitos que serviram como pretexto para a invasão indonésia.

A Indonésia, já à época uma ditadura bastante fechada, detinha a parte ocidental da ilha de Timor. Aproveitando-se da indefinição gerada pela retirada do controle português e da consolidação incipiente do governo local, deu início à invasão, formalizada no ano seguinte, quando da anexação do Timor Leste como mais uma de suas províncias. Essa intervenção militar teve como característica bombardeios maciços sobre a população civil e incursões de tropas às vilas e aldeias. Foi instaurado então um governo terrivelmente opressor.

A ocupação foi combatida pela população, que nunca deixou de manifestar o desejo de autodeterminação e sustenta, desde 1975, contra todas as probabilidades de sucesso, uma heróica resistência armada. O governo indonésio vem promovendo uma ampla e deliberada "limpeza étnica, utilizando-se dos mais variados métodos de genocídio, como torturas, esterilizações em massa, campos de concentração, execuções sumárias e exibições dos cadáveres dos resistentes. Além da promoção de vasta transferência de indonésios para a ilha, o que alijou os timorenses de todo o processo econômico, há uma violenta repressão às manifestações culturais locais e a proibição ao uso e ao ensino da língua portuguesa. Tudo isso evidencia a intenção indonésia, denunciada pelos refugiados e resistentes, de "pôr fim à raça timorense".

Timor-Leste tem significativas reservas de petróleo e domina o Estreiro de Timor, importante passagem entre o Índico e o Pacífico. Devido ao seu valor estratégico, desperta o interesse das principais potências ocidentais, como os EE.UU., Grã-Bretanha e, principalmente, a Austrália, que apoiaram a invasão indonésia fornecendo - e continuam a fazê-lo - as armas necessárias à repressão. Sucessivas resoluções da ONU condenaram a ocupação e exigiram a retirada das tropas, mas não despertaram o interesse da comunidade internacional como no caso da invasão do Kuwait pelo Iraque.

Apesar do silêncio e da complacência internacional durante estes 22 anos, no ano passado o Prêmio Nobel da Paz foi outorgado a dois ativistas timorenses: José Ramos-Horta e o Bispo Dom Carlos Ximenex Belo. Com o Nobel, a causa de Timor-Leste ganhou algum espaço na mídia internacional, e já não pode mais ser ignorada. Mas, ao mesmo tempo, essa notoriedade irritou o governo invasor, que tem promovido o recrudescimento da repressão.

O Brasil, o maior país da língua portuguesa do mundo, compartilhando essa identidade com Timor, inexplicavelmente omitiu-se durante todos estes anos; é o único país da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que sistematicamente deixa de abordar a questão nas suas relações com a Indonésia. Para que o Brasil atue com menos timidez, o engajamento das mais amplas esferas da sociedade civil é muito importante. O governo brasileiro já não se pode esquivar de um posicionamento firme e coerente com sua retórica internacional.

Apoiar a luta pelo respeito aos direitos do povo timorense mobilizando estudantes, professores e funcionários da Universidade é o objetivo do Grupo USP por Timor Livre.

USP POR TIMOR LIVRE